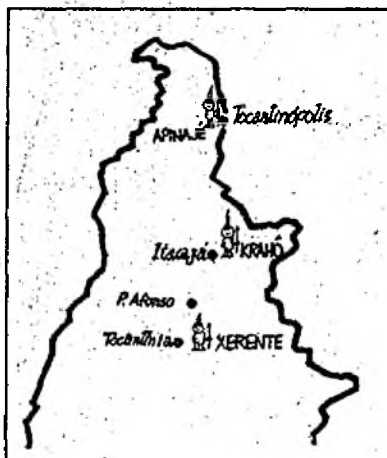


Os Apinajé querem a demarcação da terra



Os Apinajé estão vivendo em duas aldeias próximas à cidade de Tocantinópolis. Com estes índios a situação da terra também é um problema sério. Há vários anos estão reivindicando a demarcação que não foi completada. Além disso, querem a retirada dos fazendeiros, que usufruem da terra como propriedade deles. Os índios da aldeia São José, que fica a dois quilômetros da Transamazônica, são os que mais reclamam dos fazendeiros. Eles exigem a delimitação da reserva incluindo o outro lado da rodovia. E, segundo eles, estes proprietários são comerciantes ricos e políticos de Tocantinópolis.

Esta situação deixa os índios inquietos e revoltados, principalmente com a demora da Funai em tomar uma decisão. Mas não se resumem apenas nestas questões os problemas dos Apinajé. É que há uma diferença muito grande no modo de vida dos índios da aldeia Mariazinha e da São José. Eles se queixam do chefe de posto da Funai, Gaspar Gomes, encarregado pelo órgão tutor para dar assistência às duas comunidades. Está surgindo um clima de tensão entre as duas aldeias. É comum ouvir dos Apinajé da São José que todo "o benefício só é dado à comunidade de Mariazinha".

DIVERGÊNCIAS

Com isso, as divergências se acentuam. Enquanto na aldeia Mariazinha há plantações de arroz, banana, laranja e cana-de-açúcar, na São José existem apenas pequenas roças de arroz, feitas pelos próprios índios, com o dinheiro que recebem na venda do babaçu — planta nativa da área — e do artesanato. A aldeia lembra mais uma fazenda bem montada, com um curral, dois reservatórios de água e um chafariz. Os índios possuem cerca de 200 cabeças de gado.

Além de Gaspar, trabalham na aldeia o vaqueiro, o funcionário da cantina e o técnico agrícola. Nesta cantina os índios vendem o babaçu a Cr\$ 95,00 o quilo, que depois é revendido para a Tobaza, em Tocantinópolis, a Cr\$ 110,00 e Cr\$ 120,00 o quilo. Os índios desta aldeia confiam em Gaspar, porque acreditam que ele vai ajudá-los a produzir, trazer muita fartura; e, quando são indagados se querem ir para a São José, respondem: "Não, lá a gente passa fome". A desculpa que o chefe de posto deu sobre a não implantação do projeto de agricultura, até agora, nesta aldeia, é de que o programa ainda não foi aprovado. Mas para os índios ele disse que a terra não era fértil.

O projeto de agricultura é feito com dinheiro do Grande Carajás, repassado à Funai. Antes, o recurso estava programado para a construção de casas — a intenção era formar pequenos conjuntos, tipo casas da Conhab. Para esse tipo de coisa, os índios sequer são consultados. Mas, desta vez, tomando conhecimento, disseram preferir que o projeto se destinasse à agricultura, pecuária e assistência médica. O chefe da Ajudância de Araguaína, Antônio João, prometeu atendê-los.

O abandono da aldeia S. José

Na aldeia São José vive a maioria dos Apinajé, mais de 300 índios. Quando se chega a esta comunidade, percebe-se a diferença entre ela e a Mariazinha. Na São José, as casas obedecem o estilo tradicional, em forma de círculo. E de cada índio ouve-se o lamento da necessidade de assistência. O que mais deseja é ter o que comer todos os dias, a fim de adquirir resistência para o trabalho. O babaçu colhido na São José não chega aos 200 quilos por semana, nesta época do ano. No verão a produção é maior — chegando a uma média de 600 quilos.

E é com o dinheiro da venda que os índios mantêm a sobrevivência da aldeia. Outra fonte de recurso é o artesanato, feito por homens e mulheres, e vendido aos viajantes que passam pela Transamazônica nos fins de semana. Durante toda a semana, os índios colhem sementes do mato e palhas de coqueiro para fazer colares, cestões e outros artefatos. Toda essa obra de arte é feita para os "brancos". Seus enfeites, por exemplo, não são usados por eles, apenas alguns especiais, quando fazem festas.

O ex-cacique conhecido por Grossinho reclama da demarcação sempre adiada pela Funai. Todas as vezes que chega alguém na aldeia ele procura para falar dos Apinajé de São José, "que sofrem muito". Mas se diz cansado, porque até agora nenhum dos seus pedidos foi atendido. "Olha, os meus cabelos estão brancos. Estou ficando velho de tanto bater a cabeça, pedindo a demarcação da terra. Mas a Funai não resolve".

Grossinho conta que funcionários do órgão tutor já estiveram na aldeia, para tratar da delimitação da área, mas nenhuma decisão foi tomada. "Quando a gente mostra onde é o limite eles não aceitam e querem fazer em outro lugar, por isso fica difícil o acordo. Precisamos da terra para viver em paz, trabalhar e dar comida às crianças". No final, o velho cacique acrescentou: "Queremos também um chefe de posto, porque o Gaspar não serve para a São José".

Em uma reunião com o chefe da Ajudância, os índios falaram claramente da antipatia que têm por Gaspar e não esconderam os motivos. "Não aceitamos ele aqui, não é honesto. Quer ganhar dinheiro da Funai, ficar rico e não faz nada pela comunidade", diz Maria Barbosa, uma velha índia de 66 anos.

A má orientação do posto da Funai para as aldeias Apinajé perto de Tocantinópolis, está tendo consequências mais desastrosas que a fome e a doença, pela falta de assistência: Gaspar, o chefe do posto, cria rivalidades entre os irmãos índios das aldeias de Mariazinha e São José — beneficiando uma em detrimento de outra. Para os quase 500 índios destas aldeias sobreviverem em paz, conforme os caciques das tribos afirmaram para a repórter Lúcia Pedreira, enviada especial do DIÁRIO DA MANHÃ, não precisam do assistencialismo prestado pela Funai: basta que ela demarque suas terras o mais rápido possível e os deixe viverem livres na mata.



Índia Apinajé catando piolho

"Manter com o nosso esforço"

Na aldeia Mariazinha os índios não mantêm as festas tradicionais, e o cacique José explica que não mais há tempo para as brincadeiras: eles precisam se preocupar com as roças, produzir mais. Acrescenta: "Aqui tá muito bom, a gente pretende desenvolver mais, para ter tudo, evitar andar com necessidade. A vontade é não ocupar a Funai. Trabalhar para manter a comunidade com o nosso esforço. Antes vinha tudo para o índio. Hoje não vamos esperar isso. Eles mostram muita dificuldade".

José fala que, por isso, tem planos de melhorar ainda mais a aldeia. A ideia partiu de Gaspar, de construir uma pequena hidrelétrica. Já existe os postos de iluminação e a instalação em algumas casas. O chefe de posto já falou inclusive de instalar também um telefone na aldeia. Com todas estas transformações, os índios acreditam que assim poderão resolver seus problemas, orientados por Gaspar. Pelo menos, ainda conservam a língua

— entre eles só conversam em Apinajé. As mulheres, a maioria, usam apenas a saia, fazendo lembrar o costume tradicional de andarem nus. O ritual do batismo também já foi modificado: convidam o pároco de Tocantinópolis para a celebração na aldeia.

As mulheres Apinajé, além de ajudarem nas roças, se dedicam à coleta do babaçu. Todos os dias saem com seus cofos de palha em busca do coco, que posteriormente é quebrado com o machado e, no final de semana, vendido nas cantinas. Na aldeia Mariazinha a produção atinge até nove toneladas em 15 dias, segundo o cacique José. Mas a produção não é toda dos índios: uma parte é vendida pelos posseiros que vivem perto da aldeia. São pessoas pobres, cuja única fonte de renda provém da venda do babaçu. Eles moram nos povoados Bonito, Centro e Inhuma, existentes na área da reserva.

Ainda é tempo

No início deste século havia cerca de 1 milhão de índios no Brasil e, atualmente, não restam mais que 100 mil, isto devido aos massacres que vitimaram as nações indígenas. Mas eles ainda não estão livres dos conflitos. A cada dia, suas terras são arbitrariamente invadidas por fazendeiros — que se julgam no direito de ser os legítimos proprietários, usufruindo de sua riqueza e expulsando o índio de seu habitat.

Das tribos visitadas, constatou-se este problema entre os Xerente e Apinajé, que até hoje reivindicam a demarcação urgente das terras onde vivem. A Funai ainda não tomou decisão favorável — e em 1978 terminou o prazo legal, de acordo com o Estatuto do Índio, para a delimitação das reservas indígenas. Enquanto esta situação continua, o índio vai sendo pressionado para entregar suas terras aos latifundiários,

que vêm causando o extermínio de sua gente. Mas ainda há tempo para o órgão tutor rever a situação e solucioná-la, antes que todas estas tribos sejam extintas. Elas precisam das terras para viver.

Outra questão que também deve ser revisada é o trabalho de determinados funcionários da Funai, que não estão preocupados com a causa indígena. Como dizem os próprios índios, "eles querem é ficar ricos". Além de degenerarem sua cultura, arrendam suas terras e vendem o que elas possuem, como aconteceu com os indígenas de Posto Xerente, há alguns anos.

Eles querem e precisam ser mais assistidos, mas desejam participar, tomar decisões. A tutela não pode significar opressão. Protegê-los como crianças ou incapazes é também aniquilá-los. (L.P.)